1

O dia 1 julho de 1998 caía numa quarta-feira. Foi portanto logicamente, embora de modo fora do habitual, que Djerzinski organizou o seu beberete de despedida num fim de tarde de terça-feira. Entre as tinas de congelação de embriões e um pouco esmagado pela sua massa, um frigorífico de marca *Brandt* acolheu as garrafas de champanhe; normalmente destinava-se à conservação dos produtos químicos usuais.

Quatro garrafas para quinze, era um pouco à justa. Tudo o mais o era, também: as motivações que os reuniam eram superficiais; uma palavra desastrada, um olhar de través, e o grupo corria o risco de se dispersar, precipitando-se cada qual para o seu carro. Estavam numa sala climatizada da cave, ladrilhada de branco, enfeitada com um *poster* de lagos alemães. Ninguém propusera que se tirassem fotografias. Um jovem investigador chegado no princípio do ano, um barbudo com ar de estúpido, eclipsou-se ao fim de alguns minutos pretextando problemas de estacionamento. Difundiu-se entre os convivas um mal-estar cada vez mais percetível; as férias estavam para breve. Alguns partiam para uma casa de família, outros praticavam ecoturismo. As palavras que trocavam uns com os outros estalavam devagar na atmosfera. Separaram-se rapidamente.

Às sete e meia da tarde, tudo terminara. Djerzinski atravessou o parque de estacionamento na companhia de uma colega de longos cabelos negros, com a pele muito branca, os seios volumosos. Era um pouco mais velha do que ele; provavelmente, suceder-lhe-ia à

As Partículas.indd 17 9/18/13 6:13 PM

frente da unidade de investigação. A maior parte das suas publicações tratavam do gene DAF3 da drosófila; era celibatária.

Diante do seu *Toyota*, ele estendeu a mão à investigadora sorrindo (havia alguns segundos já que previa fazer esse gesto, acompanhá-lo de um sorriso, preparando-se mentalmente para tanto). As palmas das mãos de ambos sacudiram-se ligeiramente e desprenderam-se. Ele pensou tarde de mais que o aperto de mão fora pouco caloroso; tendo em conta as circunstâncias poderiam ter-se beijado como fazem os ministros, ou certos cantores de variedades.

Consumado o adeus, ficou dentro do automóvel durante cinco minutos que lhe pareceram muito compridos. Porque era que a mulher não arrancava? Estaria a masturbar-se enquanto ouvia Brahms? Estaria a pensar, pelo contrário, na sua carreira, nas suas novas responsabilidades, e em caso afirmativo regozijar-se-ia com isso? Finalmente, o *Golf* da geneticista saiu do estacionamento; ele estava de novo só. Fizera durante o dia um tempo magnífico, e estava ainda calor. Nestas semanas do princípio do verão, tudo parecia inteiriçar-se numa imobilidade radiosa; todavia, e Djerzinski tinha consciência do facto, os dias tinham começado já a minguar.

Trabalhara num meio privilegiado, refletiu ao arrancar por seu turno. À pergunta: "Considera que, vivendo em Palaiseau, beneficia de um meio privilegiado?", 63 por cento dos habitantes respondiam: "Sim." Era compreensível; os prédios eram baixos, entrecortados por relvados. Vários hipermercados permitiam um abastecimento fácil; a noção de *qualidade de vida* quase não parecia excessiva, reportada a Palaiseau.

Na direção de Paris, a autoestrada do Sul estava deserta. Ele tinha a impressão de estar num filme de ficção científica neozelandês, que vira durante os seus anos de estudante: o último homem na Terra, depois de toda a vida ter desaparecido. Havia qualquer coisa na atmosfera que evocava um apocalipse seco.

Djerzinski vivia na rue Frémicourt havia cerca de dez anos; habituara-se a ela, o bairro era calmo. Em 1993, experimentara a necessidade de uma companhia; de alguma coisa que o acolhesse ao voltar para casa no fim do dia. A sua escolha incidira num canário branco, um animal assustadiço. Cantava, sobretudo de manhã; contudo, não parecia alegre; mas poderá um canário ser alegre? A alegria é uma

As Partículas.indd 18 9/18/13 6:13 PM

emoção intensa e profunda, um sentimento de plenitude exaltante experimentado pela totalidade da consciência; podemos aproximá-la da embriaguez, do arrebatamento, do êxtase. Uma vez, tirara o pássaro da gaiola. Aterrorizado, aquele cagara em cima do sofá antes de se precipitar sobre as grades da gaiola à procura da porta de entrada. Passado um mês, renovou a tentativa. Dessa feita, o pobre animal caíra pela janela; amortecendo a queda o melhor que podia, o pássaro conseguira poisar numa varanda do prédio fronteiro, cinco pisos mais abaixo. Michel tivera de aguardar o regresso da moradora, esperando ardentemente que ela não tivesse um gato. Verificou-se que a rapariga era uma redatora da *20 Ans*; vivia sozinha e voltava tarde para casa. Não tinha gato.

Caíra a noite; Michel recuperou o pequeno animal, que tremia de frio e de medo, encolhido contra a parede de betão. Em várias ocasiões mais, geralmente quando descia com os seus sacos de lixo, tornou a cruzar-se com a redatora. Ela meneava a cabeça, provavelmente em sinal de reconhecimento; ele meneava-a também, por seu turno. Afinal de contas, o incidente permitira-lhe estabelecer uma relação de vizinhança; tivera isso de bom.

Das suas janelas podia contar-se uma dezena de prédios, ou seja, cerca de trezentos apartamentos. Em geral, quando voltava para casa ao fim do dia, o canário começava a assobiar e a chilrear, o que durava entre cinco e dez minutos; depois ele mudava-lhe a alpista, o granulado do chão e a água. No entanto, nessa noite, acolheu-o o silêncio. Aproximou-se da gaiola: o pássaro estava morto. O seu pequeno corpo branco, já frio, jazia de través no chão granulado.

Jantou uma embalagem de robalo com cerefólio *Monoprix Gourmet*, que acompanhou com um *Valdepeñas* medíocre. Após um momento de hesitação, pôs o cadáver do pássaro dentro de um saco de plástico que lastrou com uma garrafa de cerveja, deitou tudo na conduta do lixo. Que mais podia fazer? Dizer uma missa?

Nunca soubera onde desembocava aquela conduta do lixo de abertura exígua (embora suficiente para receber o corpo de um canário). Mas sonhou com caixotes de lixo gigantescos, cheios de filtros de café, de raviólis cobertos de molho e de órgãos sexuais cortados. Vermes gigantes, do tamanho do pássaro, armados de bicos, atacavam o cadáver daquele. Arrancavam-lhe as patas, retalhavam-lhe os

As Partículas.indd 19 9/18/13 6:13 PM

intestinos, rebentavam-lhe os globos oculares. Soergueu-se a tremer a meio da noite; ainda era só uma e meia. Engoliu três Xanaxes. Foi assim que terminou a sua primeira noite de liberdade.

As Partículas.indd 20 9/18/13 6:13 PM

2

A 14 de dezembro de 1900, numa comunicação apresentada na Academia de Berlim sob o título "*Zur Theorie des Geseztes der Energieverteilung in Normalspektrum*", Max Planck introduziu pela primeira vez a noção de *quantum* de energia, que viria a desempenhar um papel decisivo na evolução posterior da física. Entre 1900 e 1920, sob o impulso principalmente de Einstein e de Bohr, modelizações mais ou menos engenhosas tentaram adaptar o novo conceito ao quadro das teorias anteriores; não foi senão a partir do começo dos anos 20 que esse quadro se mostraria irremediavelmente condenado.

Se Niels Bohr é considerado o verdadeiro fundador da mecânica quântica, tal não se deve simplesmente às suas descobertas pessoais, mas sobretudo à extraordinária atmosfera de criatividade, de efervescência intelectual, de liberdade de espírito e de amizade que ele soube criar à sua volta. O Instituto de Física de Copenhaga, fundado por Bohr em 1919, reunia jovens investigadores. Heisenberg, Pauli, Born nele fizeram a sua aprendizagem. Um pouco mais velho, Bohr era capaz de consagrar horas a discutir o pormenor das suas hipóteses, com uma mescla única de perspicácia filosófica, de benevolência e de rigor. Preciso, ou até mesmo maníaco, não tolerava a mais pequena inexatidão ao interpretar as experiências; mas não havia, também, ideia nova que lhe parecesse *a priori* louca, nem conceito clássico intangível. Gostava de convidar os seus discípulos a reunirem-se-lhe na sua casa de campo de Tisvilde; aí recebia também cientistas de outras disciplinas, homens políticos,

As Partículas.indd 21 9/18/13 6:13 PM